

■ 12 proposições: resistência, corpo, ação - estratégias e forças na produção plástica atual

—Ericson Pires

...Sempre gostei de bagunça. Não de ordem nem de desordem. Bagunça. O que tenho a mão vou mexendo até perder, prá depois achar de novo. Achando o que perdi acho o novo de novo, reencontro o novo no velho - é como a luz, a velha luz, descansada e sempre nova de novo....

TUNGA, Barroco de lírios

1. Re-insistências. Resistência. Existir. Re-existir: sempre no possível, nas possibilidades. Romper. Continuar. Ir além do óbvio, do sim domesticado, do clichê assumido como real. Inaugurar sempre a possibilidade, novas possibilidades, a possibilidade do *outro*. Insistir. Re-insistir. Sem mágoas, sem rancor, sem luto. Uma memória prenhe, possível. Fazer nascer novamente. *A força plástica de uma história para os vivos*. Contar aos outros sobre os *outros*. Função pedagógica: criar povos novos. Trazer o novo de novo. Plantar e colher. Círculo. Mutação. Resistência. Ampliar a rede. Estender no real o virtual possível. Criar um *outro* real. Colonizar, contagiar, espriar. Criação. Insistir no sim. O sim do sim. O sim que afirma: não sou esse mesmo, sempre o mesmo, sempre dócil, sempre palatável. Devorar. Tornar o outro outro dentro de mim. Sem medo, sem receio. Metabolizar. Afirmar a tribo. Ser muitos, sendo *outros*. Fazer um Brasil. Criar um Brasil. Contar de um Brasil de outros. Resistir. Seguir sempre. Esquecer as ruínas. Seguir sempre. O nômade - aquele que vem de novo: resiste. Coletivizar experiências. Seguir novamente. Sempre em frente, ou ao lado, ou em meio, ou a partir de, ou simplesmente seguir...Resistir.

2. As políticas de resistência promovem ações a partir da seguinte triangulação de potências: o corpo, a produção de subjetividade e a multidão.

O corpo é o espaço mínimo: é nele e a partir dele que se dão os encontros possíveis na busca da execução e formas de ação. Propiciando combinações múltiplas comuns, o corpo realiza o indivíduo - esse coletivo de experiências. Os corpos são o espaço de potência, de porvir. O processos de seleção dos encontros, possibilidades de transformação/conservação dos indivíduos. Linhas e caminhos abertos. A capacidade de realização das potências de transformação. Buscar a associação de redes de afeto: encontro dos corpos, forças em conformação no indivíduo, eventos e efeitos corporais outros, onde configurações momentâneas propiciam a experiência da transformação constante do indivíduo. Afetos detonam processos de atividade e reação, elementos constituintes, *afirmação das diferenças* como plano de imanência - espaço de ação das diferenças, conexão das potências, afetos, forças. Instauração do múltiplo. O corpo tem como necessidade sua desterritorialização: ao longo dos processos de construção/desconstrução de coagulações de controle, de mimetismo disciplinares, de catequese de subjetividades. A afirmação da diferença como função ativa na formação da resistência dos indivíduos. Os encontros: produção de diferença. Cada corpo produz diferença; mesmo um corpo fascista, doente, produz diferença. Cada corpo deve ser pensado a partir de suas potências de desterritorialização. Os deslizos, os movimentos, os fluxos: caracteres informativos das potências corporais. Corpos: diferenciação. A rede de intercomunicação ativa, potências de configuração: campo de ação onde as máquinas de guerra contam suas histórias, histórias e devires. É aí onde o contágio acontece. A intensidade afirmativa das resistências são ativadas: os olhos do furacão, as linhas do mar, os caminhos da floresta...muitos e múltiplos.

3. A produção de subjetividade. Definição proposta: os grupos e estamentos sociais, através de suas práticas e representações, incitam e constroem a subjetividade dos indivíduos. Essa é uma questão descoberta no século XIX, antes de Freud. Agora, algumas derivações: como entra a produção, um conceito de matriz econômica, nos processos de subjetivação dos indivíduos? E se a subjetividade é algo produzido, no nível individual e social, como escapar aos processos de colonização desenvolvidos pela sociedade de controle? É possível pensar uma subjetividade fora dos elos do consumo, do mercado, do Império?

A resposta é clara e direta: não. Não existe fora, não existe além, nem qualquer outra idéia de transcendência real. Só a brutalidade dos fatos. O atual. Urgência: de maneira direta e irreversível, a construção de forças de ação e resistência afirmativas. É impossível ignorar esses fatos. A grande maioria das perspectivas tradicionais e institucionais de resistência utilizam como forma de luta, preconceitos melancólicos, de matriz reativa - *a moral do escravo* -, parecem ignorar as configurações contemporâneas de poder. É necessário sublinhar a seguinte noção: as mais variadas e diversas configurações sociais atuais se encontram hoje, em todo o planeta, sobre um forte e ágil esquema de ocupação. Um dos vetores primordiais é o da produção de produtores de subjetividade. Isso significa que o que interessava num modo de produção anterior - a sociedade disciplinar e seus corpos dóceis, os produtos e os parques industriais de gigantesco porte, as grandes massas disciplinadas em suas fábricas, escolas e hospitais, a homogeneização e construção de um povo, com seus discursos e territórios, como colocou Foucault - tem estatuto menos significativo na atualidade. Os pilares de sustentação da sociedade de controle são outros. A produção de subjetividade é o viés dinâmico do atual modo de produção. É nessa área que o controle é produzido para ser reproduzido. Os corpos são os espaços ocupados por essa reprodução. A objetividade: construção de uma subjetividade controlada pelo controle imperial. Os corpos são desterritorializados para serem re-territorializados como territórios ocupados, indivíduos colonizados. Imensas redes de propagação da reprodução e controle são constituídas por esses corpos *linkados* à comunicação global - é pela/nos meios/modos de comunicação globais que a produção de subjetividade controlada escoia, é distribuída, é imposta. A comunicação produz controle sem a necessidade da presença concreta dos agentes controladores. As indústrias culturais locais são importantes nós de propagação da reprodução de produção de subjetividade. O fundamental para o império é a formação de redes de produção de produtores de subjetividade produzidos em escala planetária que ajam localmente. Para tanto, é mister o controle dos meios de produção de comunicação em escala global e local. A velocidade, os padrões de qualidade, as formas de enquadramento, os modos de utilização das tecnologias de informação, instrumentos do controle. O quadro parece complicado. A surpresa nasce do inesperado. Novas formas de resistência. O singular é um corte no horizonte.

4. A multidão. Em outros momentos podíamos chamar: povo. Posteriormente, nação. Finalmente, massa. A nomenclatura muda de acordo com a conjuntura. Mas qual é a diferença? O que difere, o que propicia mudanças desses estatutos corporais? Os modos de produção - se utilizarmos aqui uma idéia que Deleuze propõe: "*(...) O que mais nos interessa em Marx é a análise do capitalismo como sistema imanente que não para de expandir seus limites, reencontrando-os sempre numa escala ampliada, por que o limite é o próprio Capital*" (Deleuze, 1999. p. 212) - realizam e efetivam de maneira imanente a formação de seus meios de escoamento e de suas áreas de ação. O capitalismo se desenvolve neles e a partir deles. O corpo. A maneira como capital vai constituir e produzir corpos: biopoder. Resistência: a multidão. Os corpos são instrumentos e espaços de efetivação dos processos de produção do capital. Em seus estágios de transformação, o capitalismo construiu modos de operação diversificados: economias e políticas sobre os corpos. Se lembrarmos Montaigne: o florescimento da noção de *outro*, a tentativa de apreender as diferenças e particularidades de corpos formados em modos de produção distintos. A multidão: não tem rosto, não está em nenhum lugar específico, não está contida em um território ou estado. É área e meio de produção e reprodução de biopoder, onde a sociedade de controle age. Como resistência, ela escorre, transborda, não tem limites, é nômade, desorganiza. Distinções entre povo e multidão, citando Negri e Hardt: "*(...) a multidão é uma multiplicidade, um plano de singularidades, um conjunto aberto de relações, que não é homogênea nem idêntica a si mesma, e mantém uma relação indistinta e inclusiva com os que estão fora dela. Em contraste, o povo tende à identidade e homogeneidade internamente, ao mesmo tempo que estabelece suas diferenças em relação ao que dele está fora e excluído (...) o povo oferece uma vontade e ação únicas, independentes das diversas vontades de ações da multidão, e geralmente em conflito com elas. Toda nação precisa fazer da multidão um povo. (...)*" (Negri & Hardt, 2001. p. 120). Multidão contra o estado-povo. Distinções entre multidão e massa: a sociedade de massas, evolução prática dos meios de produção de controle sobre a multidão; os processos de homogeneização: tornar igual, o mesmo, construir segmentos de consumo e controle; a transformação dos corpos em recanto dos fluxos de consumo, colonizar e ocupá-los com subjetividades reproduzidas e reprodutoras,

objetividades imediatamente ligadas aos modos de produção tecnológicos do alto-capitalismo; a massa é a multidão capturada nas teias exclusivas do controle/consumo. Multidão contra massa-corporações. Multidão: possibilidade de desobediência e insurreição dentro da ocupação do império. Resistência.

5. Afirmar. Insistir. Investir no real. Criar outros reais. Extrair do tempo, outros tempos. Impelir ao tempo, outros reais. Fazer brotar. O tempo nunca é o mesmo. O tempo. Resistência. Reconhecer o que é próximo. Aliados: parentes auriculares, orelhas sensíveis, estar seletivo... Uma luta sem fim, sem início. Só luta. Todos os tempos presentes. Outras histórias, atuais devires. Entender o tamanho: monumento de possibilidades chamado Brasil. Agir agora. Continua a existir. Agora: a necessidade, a necessidade, a necessidade. Um matemático francês disse: *não resisto por escolha, resisto por necessidade*. O tempo. O tempo atual pede outros tempos. Resistir. Insistir. Ou então ficar somente com o ser contemporâneo: alinhavar compromissos, omissões, aparar arestas e conter forças, e as formas (sempre as formas): mantê-las, assumir no controle a possibilidade maior, ter no poder, sua casa, ter na burocracia, sua cama - contenção e limpeza: saudades de um estruturalismo racionalista perdido, de uma geometria estática concreta, de um equilíbrio impossível numa realidade periférica como a nossa. A submissão e clientelismo - *os males do Brasil são...* Escapar. Fazer rodar a roda. Dançar a gira. Girar com o tempo. Extrair no porvir, o agora. Resistir. Imaginar e criar. Na arte, um campo de batalha. É necessário girar, fazer dançar. Escapar. Buscar um fora onde só há dentro. Romper o dentro. Fazer dobrar o dentro, fazer o fora, dentro. Girar. É necessário fazer dançar, girar. Insistir. Resistir.

6. Forças de resistência e produção X formas de controle. Os esquemas e aparelhos de captura: armadilhas abertas e alertas, nós mesmos como algozes, nós mesmos como prisioneiros. Perceba como os meios de comunicação produzem incessantemente seus sonhos e seus desejos. Perceba como as esferas de poder decisório se fazem presentes nesse complexo jogo de imposições que é ser um consumidor contemporâneo. Apocalipse: revelação, explicitar o jogos de poder. Foucault nos ensinou tudo isso. Olvidamos. Não obstante, esses

pensamentos parecem ser desnecessários para grande parte da produção acadêmica contemporânea. Olvidamos. Porque pensar sobre essas questões se o que se propagou nas últimas décadas é uma não-necessidade pós-moderna de manter-se onde/como se está, já que até a história chegou a seu fim, já que somos todos somente consumidores? Mas, há um jogo dentro do jogo. Há possíveis *outros* aqui ou ali. Existe sempre a recepção: muitas vezes já comprometida em seu nascimento com os esquemas de controle. Mas há a recepção como algo criativo, afirmativo - ainda há espaço para resistir. Existem também os já citados estudos culturais ou pós-coloniais: novas configurações de antigos problemas, dança das cadeiras entre o que é periférico visto exclusivamente como periférico e de periferia, e o que é central visto como, quase *naturalmente*, continuando, centro e central; há aqui também espaço para uma possível resistência: os jogos emergem, as forças podem se colocar, há o embate ou a naturalização do conflito. Outros espaços serão possíveis? Perceba como a produção acadêmica está comprometida, está em/no jogo. Perceba como o centro gravitacional da produção de sentido, conhecimento e poder passa muitas vezes ao largo do que se tem feito na universidade. Perceba a necessidade total de mudanças de prisma, de mudanças de texto, mudanças de postura, mudanças corporais, mudanças de formas e forças. Nada é tão maniqueísta, nada é tão binário, nada é tão estanque e nem tão perverso que não produza diferença pretendendo produzir controle, ou produza controle pensando estar produzindo diferença. Há sempre um jogo dentro do jogo. *Ver com os olhos livres*. Será possível? O fim de pensamentos propositivos chegou ao seu fim. Não há como se pretender fora do jogo. A necessidade da invenção. A necessidade daquilo que é outro dentro de outros. A necessidade da ação: resistir, *fazer dobrar a existência*; sendo necessário o desejo do que não está, mas do que se propõe - outras situações, outras ações. Inventar povos, outros, agora - experimentar os devires revolucionários; mesmo que muitos já tenham sido experimentados. Realizá-los. Todo segmento temporal tem suas necessidades. Toda geração deve se perceber nos jogos de suas épocas. Os pensamentos acadêmicos, universitários, devem se perceber em/no jogo. Não há espaço para omissão. Criar jogos dentro dos jogos. Re-insistir.

7. Produções da multidão. A multidão age. Corpos em estado de desobediência. Importante: criar a diferenciação da idéia de uma barbárie civilizada de matriz hobesiana, para uma ação de resistência e desobediência da multidão. A violência parece ser um ponto comum entre ambas. No caso da barbárie civilizada, sim - vide todo o processo histórico de *descobrimento* do novo mundo -, a violência é o que dá ao estado-nação a consciência de sua extensão, é o que define suas funções. Na multidão: o caráter de agressividade substitui a violência. A agressão é uma resposta coletiva a violência institucional do meios de comunicação e controle do mercado mundial. É claro que isso pode ser problemático. Os produtos derivados da afirmação de uma necessidade de agressividade na contemporaneidade podem ser os mais variados. As coagulações fascísticas estão aí. Desde da década de 60, esse debate não vinha à tona. Toda uma retórica de cunho melancólico foi adaptado pela esquerda tradicional, abrindo espaço para pequenos grupelhos de extrema-direita. Importante: notar que a multidão está prenhe de diferenças. Essas diferenças - se não forem construídas como elementos de potência afirmativa de outros processos de diferença -, correm o risco de chafurdarem nos esquemas de violência e controle promulgados pelo império. O poder de homogeneização. A preparação de contingentes de massa: a sociedade de controle em seus movimentos de conformação, reiterada dia após dia. A multidão é uma contrapartida histórica em relação ao estado e posteriormente ao império. A massa é a multidão controlada. Ela irá sustentar a violência dos pequenos grupelhos que agem em nome do estado. A omissão - *good people, dirty work* . A omissão: proposta criminosa da massa. A necessidade de ações agressivas por parte dos grupos de resistência. Torná-los multidão pela ação/articulação. Romper com o biopoder das forças de controle. O enfrentamento direto, as ações diretas: demonstrações da falência de modos institucionais de representação. Extrair do controle os corpos, arrancar da massa a multidão. Luta perigosa de corpos que se colocam em risco. Multidão: resistir. Ter a agressividade de uma semente ao brotar, de uma tempestade ao chegar, de uma possibilidade por se tornar real...

8. As questões continuam as mesmas: as coisas continuam como sempre foram...não há nada de novo...tudo é velho...tudo é como sempre foi...

fim da história...o mercado...o mercado...As questões continuam as mesmas: nada está no mesmo lugar...tudo é novo...tudo mudou...a história nunca terminou... a história nunca existiu...mergulhar no acontecimento: recorte singular no tempo, fluxos, experiências, micro-revoluções. Simultaneidades paradoxais. O processo na contemporaneidade: liberar certos devires. Desconstruir a perspectiva hegemônica do *tudo já era*. Revelar a covardia entranhada nas práticas sociais atuais: tudo em nome da manutenção dos conchavos. Ausência do *eu crio* em nome do *eu compro*. Coletivizar experiências. Ação crítica. Propor outras formas, outros discursos, outros nomes. *O poeta é um criador de mundo* - Huidobro. Não esquecer: as vanguardas primavam pela invenção-experimentação, elementos ausentes hoje. Não se trata aqui de defender as vanguardas de mercado: incomunicabilidade como pressuposto de uma prática formalista, íntimas e exclusivas ligações com fluxos de capital, com agentes de controle, nenhuma ligação com o corpo social, gerando uma anti-ação: amortecimento e letargia. Trata-se de saúde. Contra-controle. Divergência é saúde. Resistir é saúde. Fazer com os corpos. Agir.

9. A triangulação das forças e suas produções. Cada indivíduo: uma multidão. Cada multidão: muitos corpos. Cada corpo produz subjetividade. *O que pode um corpo?* - Spinoza. Produção de subjetividade: potências do real. A realidade: construção múltipla. Os meios de construção: os corpos - a multidão, a massa, os povos -, as forças - de produção, de socialização, de controle, de liberação...Os corpos são compostos por forças. Eles as produzem e também são produzidos por elas. As forças: ativas ou reativas. *Nenhuma força renuncia ao seu próprio poder. Obedecer e comandar são duas formas de um torneio* - Nietzsche. Existe o jogo. A produção de subjetividade: esses jogos. Elaborar estratégias de afirmação/reação das forças da multidão em cada indivíduo. Desconstruir as linhas de produção de subjetividade exclusivamente constituídas pelas forças/formas de controle. Luta. Resistência: estratégias de ação X estratos de massificação; desestabelecer o biopoder passivo e reprodutor de produção; produzir biopoder ativo, afirmativo, processos de diferenciação, subjetividades libertárias, singularização, multiplicador de multidões. Movimentos dos movimentos. Produzir, como propôs a filósofa Tatiana Roque no Fórum

Social Mundial de 2002, a resistência elétrica - que realiza calor, luz, afirmação -, não a resistência mecânica, que reproduz movimento, reativo, reprodutivo. Necessidade. Produzir condições subjetivas de afirmação dos corpos produtores de multidão. *A resistência como dobra da existência*. A triangulação das forças de resistência: corpo, produção de subjetividade e multidão. Campo de trabalho, campo de ação. Re- insistência. Resistência.

10. As produções e as ações: as forças plásticas. Partamos das chamadas artes plásticas e/ou visuais. Pressupõem-se: área de experimentações. Uma questão: existe hoje, crise e enfrentamento em meio à produção contemporânea - Uma cisão? Existem as relações e compromissos, estruturas e dependências, diante do quadro de produção de subjetividade da sociedade de controle. É necessário distinguir. O mapeamento dessas produções: estudo de suas estratégias de resistência como possibilidade e/ou realidade no quadro de produção atual. *O mercado de arte*, os critérios de seleção e definição das instituições e de seus representantes: crise. A maneira como a arte foi extraída do contexto de relação direta com a sociedade - *o público* foi expulso: crise. A produção artística e seus derivados: produção de interesses privados. Os modos e meios de escoamento e realização: privados. Crise: sinal de resistência. O público: *circuitos circuitos circuitos* - nos fala Vogler. Na atual configuração de poderes e forças, esses problemas ganham conotações específicas. Partamos de algumas definições: (1) não há nenhuma produção possível fora das relações de mercado, toda a produção artística, em qualquer nível, tem algum tipo de relação virtual ou estabelecida com o mercado; (2) a partir deste pressuposto, o mercado reprocessa o estatuto do *artista*, alinhavando-o a relações de poder e a redes de distribuição específicas, nós propomos chamá-los aqui de *produtores de arte*; (3) os produtores de arte tem em suas mãos alguns instrumentos de ação: o capital simbólico de suas obras, as forças de produção de subjetividades múltiplas presentes em suas produções, e as potências de intervenção/criação de realidades possíveis; (4) nesse quadro se colocam três segmentos relativos às relações dos produtores de arte com o mercado e seus estratos de qualificação: a primeira é da ordem da *produção de reprodução ativa*, ou seja, a reprodução parcial ou total do discurso e das práticas de poder e de seus elementos; a segunda

é da ordem da *produção de reprodução reativa*, onde se encontram muitos dos produtores que estabelecem uma relação crítica ao mercado, sem contudo, realizarem cortes ou rupturas mais significativos; e por último, a ordem da *produção de produção ativa*, que se pretende mais intensa em suas ações de ruptura e cortes, agressiva, propondo linhas de enfrentamento e tensão em relação às práticas da sociedade de controle e seus aparelhos de captura. Crise: quadro emergente. Luta. Resistir.

11. As tradições delirantes e as atuais forças de resistência. Há tradições de experimentação e ruptura na história cultural brasileira. É necessário pensar em Flávio de Carvalho nos anos 20 e sua *Experiência n.2*, pensar nas investigações dos anos 50; o neoconcretismo e a erupção do conceitual na década de 60; pensar no trabalho de Hélio Oiticica, Lygia Clark, Ligia Pape; pensar em toda a década de 70 e a radicalização e exaustão dessas experiências, pensar em Barrio, em Guilherme Vaz, em Tunga; essas forças...É necessário pensar essas lutas, como se canonizaram, como escapam, como sobrevivem ao longo das décadas de 80/90, quando, certo modo de produção artística, intimamente ligada aos esquemas de financiamento, de distribuição e classificação da sociedade de controle e seus desdobramentos se estabeleceu hegemonicamente. Parâmetros de leitura: a importância desses produtores reside na força constituinte do aspecto *delirante* - desvios e insurreições críticas em relação à tradição constituída nacional. *Literatura é saúde* - Deleuze. Arrancar a língua de seu estado clínico: gaguejar, descontinuidade, silêncio. Criar uma tradição. Delirar. Uma fala esquizo: o Brasil-outro reinventado. O *delírio* como parte fundamental da obra e/ou vida. Tradição delirante. Um olhar, uma música que libera elementos recalcados: contra-disciplinar-contra-institucional-contra-estado-contra-cultura. *Não precisamos de lirismo, precisamos de delirismo*: discurso indócil, inquieto. Resposta oficial: a repressão e reterritorialização. As forças delirantes obtiveram êxitos: criaram Brasis anti-convencionais. Países dentro de países. Forças que fazem brotar os elementos de composição da resistência atual. A produção de produtores que dialogam com essa tradição na contemporaneidade. Algumas estratégias: o efêmero, o espaço público, a tensão em relação aos meios de distribuição/produção institucionais, a auto-ironia, a

velocidade de escape, a intensidade da ação, a necessidade da ação, o movimento grupal anti-autoral, a coletivização das experiências de criação/investigação.

Produzir a *arte pública*, retomar uma *arte povera*, afirmativa, criar áreas autônomas e temporais de atuação/produção contra-controle, discutir/agir a partir de uma perspectiva crítica em relação a configuração atual de poderes. Alguns grupos mais próximos: *Atrocidades Maravilhosas*, (Rio de Janeiro); *Camelo*, (Recife); *o APIC!*, (Porto Alegre); *o Zona Franca, RRRadial Imaginário Periférico*, *o Hapax*, (Rio de Janeiro). Existem esses produtores de arte inseridos na tradição delirante: Jarbas Lopes, Cabelo, Edson Barrus, Arthur Leandro, Mônica Nador, Guga, Ducha, Erica Frankael, Marssares, Marcia X, Vogler, Michel Groisman, Adriano Mehlem, André Amaral, Luís Andrade, Laura Lima, Rosivelt Pinheiro, Ronald Duarte etc. Resistências afirmativas. Crise: quadro emergente. Campo de batalha. Máquinas de resistência construídas contra-controle. Aqui acontece a resistência. Aqui estamos pensando/agindo. Aqui: resistências.

12. Resistir. Insistir. Extrair dos corpos a multidão. Afirmar. Potencializar forças de ação. Invadir. Extrair. Irromper. Atacar. Ir para o deserto, ou para a floresta, ou para o mar...buscar na luta a sua casa. Resistir. Agir. Propor outras formas. Estabelecer outras forças. Fazer pulsar. Chamar um Brasil outro, chamar um Brasil de lutas. Cantar. Fazer girar. Sem medo, sem ódio. Só afirmações. Potências. Vida. Afirmação. SOL. Fazer brilhar a luz elétrica da resistência. Fazer mover, subverter. Insistir. Re-insistir. Naquilo que pode ser e já é, naquilo que deve ser e já é, naquilo que pode estar e já está. Resistir aqui. Resistir agora. Sorrindo. Dançando. Fazer dos corpos multidão. Prazer necessário da luta. Produzir. Ocupar. Produzir. Sem receio, sem mágoa. Só ação. Abrir linhas, criar mapas, trilhar, mexer em tudo. Produzir. Produzir desejos outros, sujeitos outros, objetos outros, outros outros...multidão de multidões. Agir sempre. Agir porque é necessário. Agir. Chamar todos. Compor múltiplas composições. Propor. Tocar. Resistir. SOL. Insistir. Re-insistir. Re-existência. Resistência. Resistir.

■.....Ericson Pires é doutorando em estudos de Literatura pela PUC-Rio, é poeta, e participa do grupo Hapax.